

## De sombras e de limites - Invasões -

Por M.<sup>a</sup> do Carmo Nino

### *Dante denominou o dia de “ primeira sombra”*

De acordo com uma antiga lenda, a história da pintura teria sido marcada no seu início pela inserção da visibilidade sob a égide do negativo, no reino das sombras e dos reflexos: nascida da sombra projetada em uma parede e do traçado que a circundou, conseqüência do gesto de uma jovem enamorada, na tentativa de manter consigo a imagem do ser amado que iria se ausentar.

A imagem porta assim consigo de maneira paradoxal, este caráter dialeticamente polar de ausência e presença, visibilidade e invisibilidade, sombra e de luz, esquecimento e memória, fixação e movimento, sujeito e objeto, objeto e signo, entre tantos outros, nos quais eventualmente são enfatizados a sua complementaridade ou seu conflito, segundo o olhar poético que lhe for dirigido.

Na obra *Invasões*, o artista Bruno Vieira apresenta em fotografias seqüenciadas o processo manual de inscrição do contorno – com fita adesiva amarela - da sombra projetada de alguns prédios ou elementos urbanos. As sombras neste caso agem como luzes densamente opacificadas e que invadem a superfície do solo rugoso e áspero, o que lhes confere uma qualidade presencial, absolutamente tátil, sem que a elas pareça pertinente associarmos as idéias de uma topografia da irracionalidade, como nos habituaram o imaginário ocidental de tendência expressionista.

Mas a sombra, ela mesma, é uma espécie de índice que funciona como o duplo agente do traçado fotográfico. Fotografias de sombras projetadas fazem eco ao tema do duplo, colocando em cena seu próprio processo de constituição como registro da luz e seu próprio estatuto em campo de signos fisicamente transladados. Ou seja, a duplicação não é somente registrada, mas recriada, por meios intrínsecos à fotografia, um conjunto de signos estritamente produzidos pela luz.

Paradoxalmente, esta dimensão palpável entra em conflito com a veleidade do ato de captar seu contorno, sempre fugidio, inefável, enfim. A defasagem dos contornos resultante das duas operações poéticas (manual e mecânica) que constatamos ao observarmos as imagens, nos faz pensa-las como fascinantemente sedutoras e volúveis, imagens imponderáveis, intocáveis, apenas no limite da realidade.

Tentar atingir o que não pode em essência ser alcançado, que maior meta pode haver para um artista?